

**VIRGE SANTA! UM ELEFANTE!
I ELE É VREDE! QUI SURREAR...
CHICO BENTO, DE GUSTAVO DUARTE,
EM PAVOR ESPACIAR**

Marly Custódio da Silva (UEMS)
mcsilva05@hotmail.com

Vicentina dos Santos Vasques Xavier (UEMS)
vilinguaportuguesa@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo focar as relações entre a linguagem escrita e a linguagem oral e como foco principal abordar a questão da variação linguística no livro de Gustavo Duarte *Pavor Espaciar*, tendo a fala do personagem Chico Bento como único objeto de estudo. Neste trabalho enfocaremos a percepção da fala caipira por um falante não caipira, temos como conceito Bagno (2013) sobre as variedades linguísticas estigmatizadas que não são reconhecidas como válidas por grande parte dos falantes urbanos letrados. Em contrapartida podemos dizer que o dialeto caipira não está distante da população da área urbana, que utiliza frequentemente a lei da "economia" ou do "menor esforço" para se comunicar com seus semelhantes. A partir do estudo da fala do personagem, podemos observar os diferentes contextos e situações que compõem o dialeto caipira. Assim, como vivemos em uma comunidade lusofônica e temos a consciência de que existem diferenças entre o português brasileiro e o português de Portugal também devemos ter a consciência de que dentro do nosso país existem diversas variantes na oralidade, ficando notório por meio da pronúncia do carioca, mineiro, nordestino, sulistas e entre outros. Temos, teoricamente, como base Leite e Callou (2002) em relação a heterogeneidade do povo brasileiro. A partir de uma perspectiva sociolinguística, a qual defende que a linguagem do homem é influenciada pela sociedade, este trabalho identifica não só as variações existentes na língua, como também o preconceito linguístico existente no dialeto caipira.

Palavras-chave:

Linguagem. Variação linguística. Preconceito linguístico. Chico Bento.

1. Introdução

De maneira geral, as línguas se apresentam de forma interativa mesclando a linguagem escrita e a linguagem oral. No presente trabalho enfocaremos as marcas de oralidade existentes nos balões de fala do livro de Gustavo Duarte, Chico Bento em *Pavor Espaciar* e também a existência do preconceito linguístico que o dialeto caipira tem rotulado em si, não sendo reconhecido como válido e também servindo de alvo de cha-

cota por parte dos falantes que moram na cidade e que são mais letrados.

Faremos um maravilhoso passeio no *graphic novel* *Pavor Espaciar* com os personagens principais, Chico Bento e seus amigos Zé Lelé, a galinha Giselda e o porco Torresmo, em uma aventura repleta de seres de outro planeta. Aventura, medo do desconhecido e desafios a serem vencidos pelos personagens criados por Maurício Araújo de Sousa e, agora, diante desse “novo” Chico Bento e parte de sua turma, produzida e ilustrada por Gustavo Duarte.

O álbum da MSP Produções, *Pavor Espaciar*, é um livro que busca ilustrar os acontecimentos narrados no papel, não de maneira estática, pois toda a trama nos oferece movimento, ação e participação ativa do leitor. Os balões de fala reproduz o dialeto caipira com fidelidade ao homem com menor possibilidade de estudo, sem deixar de lado as marcas de oralidade comum no dialeto das pessoas, neste caso específico, do homem do campo representado no livro por Chico Bento.

Marcuschi (2010), já dizia que a oralidade e a escrita se complementam nos mais diversos usos de linguagens, sendo que cada uma possui características próprias, ora mais formal ora menos formal, dependendo do tom de voz na oralidade ou das pontuações e tamanhos de letras na escrita, mais especificamente nas histórias em quadrinhos em que as emoções são representadas através da escrita, pontuações e marcas de movimento nos desenhos.

Somos participantes de uma comunidade lusofônica e sabemos a diferença entre Brasil e Portugal e que, conforme afirmam Leite & Callou (2002), não existe variante boa ou má, língua rica ou língua pobre, dialeto superior ou inferior, mas sim variações dialetais em nosso país, deixando claro por meio da fala as características de faixa etária, grupo sócio-cultural e a região que o sujeito pertence.

Para iniciar a questão da variação linguística no livro *Pavor Espaciar*, de Gustavo Duarte, no próximo item faremos uma breve síntese sobre o personagem Chico Bento e sobre seu criador, Maurício de Sousa.

2. *Chico Bento, de Maurício de Sousa*

Dedicação, disciplina, coragem e responsabilidade esses são apenas quatro de tantas qualidades que caminham lado a lado com o maior e mais ilustre desenhista brasileiro, Maurício Araújo de Sousa, mais co-

nhecido como Maurício de Sousa. Sua trajetória não foi fácil, oriundo de uma família humilde e tendo que ajudar no orçamento doméstico, o autor trabalhou em diversas áreas, desde bailarino a repórter policial, mas nunca deixou de lado o amor e a paixão pelos desenhos, até chegar à consagração atual.

Filho do poeta e locutor Antonio Maurício Araújo de Sousa e da poetisa Petronilha Araújo de Sousa, Maurício nasceu na cidade de Santa Izabel, interior de São Paulo, ainda bebê mudou-se com a família para a cidade de Mogi das Cruzes, local onde passou parte de sua infância, sendo que a outra metade foi vivida na cidade de São Paulo, onde seu pai trabalhou em estações de rádio e também como barbeiro da cidade. Acredita-se que o dom para as artes fora herança de seus pais.



Imagem 1, Maurício de Sousa aos 7 meses com os pais¹⁶⁷

¹⁶⁷ Todas as imagens foram enviadas pela assessoria de imprensa de Maurício de Sousa em 14 de fevereiro de 2015.



Imagem 2, Maurício de Sousa aos 20 anos



Imagem 3, Maurício de Sousa aos 20 anos, repórter da *Folha de S.Paulo*.



Imagem 4, Maurício de Sousa na atualidade

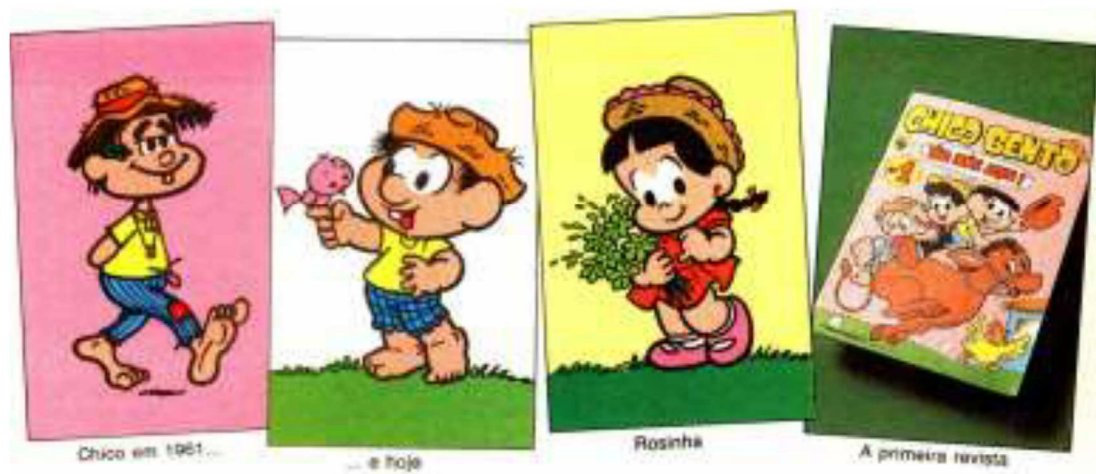
Em 1961, Maurício Araújo de Sousa, conhecido simplesmente como Maurício de Sousa, cria o inocente e simpático caipira Chico Bento, um personagem do campo com hábitos e costumes brasileiros, Chico Bento é inspirado no tio-avô de Maurício, um caipira do interior de São Paulo. No início, as tirinhas do personagem eram voltadas ao público adulto, e publicadas em jornais. Nas tirinhas o personagem aparecia mais alto e magro, mas sempre de pés descalços, calça pula-brejo e com seu inseparável chapéu de palha.



Evolução do personagem Chico Bento

Em 1982, foi lançada a primeira revista da *Turma da Roça*, tendo como personagem principal Chico Bento e os coadjuvantes, sua namorada Rosinha, os amigos Zé Lelé e Hiro, seu primo Zé da Roça, a querida professora Dona Marocas, o Padre Lino e vários outros personagens que

compõe as divertidas e engraçadas histórias da *Turma da Roça*.



De coadjuvante a personagem principal de uma revista, foi através de histórias repletas de humor que a *Turma da Roça*, tendo como personagem principal Chico Bento, foi conquistando espaço nas prateleiras/bibliotecas do público brasileiro e o dialeto caipira que antes era motivo de fala errônea começou a ser visto como representante de uma classe menos privilegiada, uma vez que, desde que entendido o dialeto não é tido como erro e sim como variante de uma língua. De conquista em conquista é que temos hoje o Chico Bento pelas mãos do fantástico cartunista Gustavo Duarte.

3. *Chico Bento, de Gustavo Duarte*

Gustavo Duarte teve sua ascensão meteórica no mundo dos quadrinhos. Nascido na cidade de São Paulo, mudou-se com a família para a cidade de Bauru, no interior paulista, com pouco mais de oito anos de idade.

Formado em design gráfico, iniciou sua carreira de cartunista e ilustrador no *Diário de Bauru*, onde permaneceu por dois anos (1997 a 1999), mas logo o artista começou a colaborar como cartunista em diversos jornais como, a *Folha de S. Paulo* e *Lance* e revistas famosas como *Veja* e *Playboy*, entre outras. Detentor de vários prêmios, incluindo o "Oscar" brasileiro dos quadrinhos, Troféu HQ Mix, Gustavo Duarte não para por aí.

Em 2010, em conversa com Sidney Gusman, editor-chefe da Universo HQ e responsável pelo planejamento editorial da Mauricio de Sousa Produções, Duarte recebe o convite para participar do Projeto Graphic

MSP para produzir uma história com um dos personagens de Maurício de Sousa, chegando à conclusão de que Chico Bento seria a melhor escolha.

Em entrevista concedida por e-mail para os autores do presente artigo, Gustavo Duarte diz que se inspirou nas histórias que leu do próprio Chico Bento recria o personagem de Maurício de Sousa em uma história com um mix de perigo, aventura, surpresa, suspense e humor. Duarte mantém os traços clássicos do caipira mais amado do Brasil – pés descalços, a calça pula-brejo e o inseparável chapéu de palha, assim como seu primo Zé Lelé, o porco Torresmo e a galinha Giselda - mesclando as histórias clássicas de alienígenas com a vida na fazenda.

Pavor Espaciar é um álbum publicado pela Panini Comics e MSP Produções, proporcionando-nos um passeio pela modernidade sem se esquecer do meio rural em que a história tem início, o enredo da narrativa se passa dentro de uma nave espacial, mesclando as ações de pessoas simples do campo com a vida dos extraterrestres, não o bastante, Duarte insere na trama diversas imagens e uma em especial nos remete a lembrança do rei do pop, Michael Jackson, imagina só Chico Bento abduzido por alienígenas e na nave ter um, suposto Michael Jackson, dentro de um tubo para servir de experimentos dos seres de outro planeta, isso é muito surreal.

O livro foi escrito e produzido pelo próprio artista em quatro meses de trabalho, Duarte soube utilizar as cores e com traços estilizados e precisos nos insere na narrativa de uma maneira contagiante, em todo o enredo há pouquíssimos balões de fala chamando a atenção dos leitores não só pelas cores utilizadas sabiamente, mas também pela criatividade em desenhar um Chico Bento aos olhos do próprio artista e reproduzindo com o dialeto caipira por um não caipira e mantendo as marcas de oralidade.

4. A linguagem oral e a linguagem escrita em *Pavor Espaciar*

Pavor Espaciar é um livro que busca representar os acontecimentos narrados, de maneira cristalizada no papel, mas não estática, – pois ao lermos a história temos a sensação de os desenhos estarem em movimento – através das imagens, as ações, gestos, emoções e a própria fala dos personagens caipiras que compõe a história.

Para que pudessem ser produzidas todas essas sensações e emoções, Gustavo Duarte utilizou de recursos visuais para dar vida aos dese-

nhos, como os traços que marcam movimento e tempo, as cores e os próprios balões de fala evidenciando o dialeto caipira e unindo-se às marcas de oralidade representada na escrita e que não são vistas com bons olhos pela gramática normativa.

Segundo Marcuschi (2010), a oralidade e a escrita são mesclagens que se complementam nos mais variados usos de linguagens opostas, porém, cada uma possui características próprias, sendo utilizadas de maneira mais formal ou informal, usando a entonação para a oralidade e as pontuações para a escrita e conforme o tipo de letra para representar o real sentido dos sentimentos durante a sua produção de escrita.

Por isso, é de extrema importância que os falantes de uma determinada língua se tornem aptos a compreender visualmente os elementos que produzem sentido oral na linguagem escrita, para assim ter a capacidade leitora de entendimento de diversos textos, incluindo as histórias em quadrinhos.

Todo esse entendimento se inicia a partir do texto e através deste se materializa a fala e a escrita, o autor deve direcionar o "como falar" e o "como escrever" e segundo Geraldi,

[...] para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que: a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz; e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d) (1997, p. 137).

E em *Pavor Espaciar*, Duarte soube produzir e cativar seus leitores pela escrita – primeiro álbum produzido pelo artista com balões de fala surpreendendo fãs e críticos de plantão – transmitindo por meio dos balões os dizeres caipiras, porém mantendo as marcas de oralidade que é de uso comum de todos os falantes letrados ou não letrados, algumas marcas dessa oralidade é mais perceptível em classes com menor poder aquisitivo ou com menor acesso à escolarização.

Todo o enredo da narrativa, além de ter sido escrito no dialeto caipira e preservar as marcas de oralidade e o processo de metaplasmos – evolução da língua através dos tempos. A seguir identificaremos alguns processos de metaplasmos e, principalmente, as marcas de oralidade, que é o objetivo do trabalho, presentes no livro *Pavor Espaciar*, uma vez que já foi trabalhado os metaplasmos do mesmo livro no artigo feito pelos autores do atual artigo e publicado nos *Cadernos do CNLF*, vol. XVIII, Nº 04 Diacronia e História Linguística e Filológica, *Metaplasmos em Pa-*

vor *Espaciar*. Na sequência alguns balões de fala com as marcas de oralidade destacado em itálico:

Página 08 – *si* comporte, *mininos!* Nós *vamo visitá* a tia Janda *i* o tio Mané.

Oceis pode *brincá* mais um *poco*, mas quando *dê deiz* da noite direto pra cama!

- Se ~ si – assimilação vocálica – "e" por "i".
- Meninos ~ mininos – assimilação vocálica – "e" por "i"
- Nós ~ nós – ditongação (transformação de uma vogal "o" em ditongo "oi")
- Vamos ~ vamo – apócope (queda do fonema no fim do vocábulo "s")
- E ~ i – assimilação vocálica – "e" por "i".
- Brincar ~ brincá – apócope (queda do fonema no fim do vocábulo "r")
- Pouco ~ poco – monotongação (o ditongo "ou" transformou-se em monotongo "o")
- Dez ~ deiz – ditongação (transformação de uma vogal "e" em ditongo "ei")
- Der ~ dê – apócope (queda do fonema no fim do vocábulo "r")

Página 09, quadrinho 1 – Quando a gente vortá, queremos *vê* oceis dois drumindo! Combinado?

quadrinho 2 – *Craro* mãe!

- Ver ~ vê – apócope (queda do fonema no fim do vocábulo "r")

Página 35, quadrinho 2 – Meu Deus do céu! O porco *tá* falando! O porco *tá* possuído!

quadrinho 4 – Carma, Chico! Carma! *Sô* eu! *Sô* eu! / Volta aqui! *Sô* eu!

- Está ~ tá – dupla aférese (queda de um fonema no início de uma palavra "es")
- Sou ~ sô – apócope (queda do fonema no fim do vocábulo "u")

Como toda linguagem só se materializa na interação com o outro, Duarte em *Chico Bento em Pavor Espaciar*, soube materializar com maestria as marcas de oralidade - caipira ou não – com a escrita, deixando de lado o preconceito linguístico existente na sociedade letrada e estre-

tando os laços de heterogeneidade do português no Brasil.

5. Preconceito linguístico

Não há sociedade sem língua e é através da linguagem que uma sociedade se comunica e se identifica, Leite & Callou (2002). Vivemos em uma comunidade lusofônica e é visível a diferença entre o português de Portugal e o português do Brasil, e devemos ter a reconhecer de que dentro do nosso país existem variedades linguísticas entre as regiões, grupo social e faixa etária. Estas variantes linguísticas são perceptíveis por meio da oralidade de um povo ou grupo, conforme Leite e Callou (2002, p. 7)

A fala tem, assim, um caráter emblemático, que indica se o falante é brasileiro ou português, francês ou italiano, alemão ou holandês, americano ou inglês e, mais ainda, sendo brasileiro, se é nordestino, sulista ou carioca. A linguagem também oferece pistas que permitem dizer se é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário ou universitário ou se é iletrado.

A fala frequentemente serve de parâmetro para classificar o indivíduo dizendo a que meio social pertence, sendo utilizada para estigmatizar ou discriminar, principalmente àquele com menor prestígio social, com menor grau de instrução, mais especificamente o falar caipira.

Ainda citando Leite e Callou (2002), a rotulação do indivíduo por meio da linguagem não poderia existir, já que é inata do ser humano, o que a diferencia são as formas como são feitas as atualizações desse indivíduo falante, enquanto um tem oportunidade de aprender as normas gramaticais, outro não tem acesso devido a inúmeros fatores que o circunda.

O preconceito linguístico remete a ideia de que existe somente uma língua, aquela conhecida como "certa" que encontramos nas gramáticas normativas e dicionários. Bagno (2013) compara a língua ao um enorme iceberg que flutua no mar do tempo e a gramática normativa a um igapó, com águas empossadas, representando somente uma parcela visível da norma-padrão. Assim Bagno (2013, p. 20), conclui:

Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renova quando vier a próxima cheia.

O preconceito linguístico parte do princípio de um preconceito social contra a fala de um grupo considerada iletrada de diversas regiões de nosso país, são as classes estigmatizadas pelo grupo maior, os letrados. Pois não há o "certo" e nem o "errado" em uma língua e nem o "melhor" e nem o "pior", mas sim variações linguísticas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 29) afirma que

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "língua portuguesa" está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala.

Usar uma língua, tanto na modalidade oral quanto na escrita, é encontrar o equilíbrio entre a adequação e a aceitabilidade, adequação ao momento e aceitabilidade do grupo envolvido no momento da fala.

Conforme afirma Bagno (2013) não há língua homogênea, toda a língua é heterogênea apresentando variação linguística em todos os níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.)

A língua, não é só diversa, pois há fatores que contribuem para que determinadas variedades tenham acesso à circulação social, superando os limites da vida cotidiana de um povo. Poderíamos citar os meios de comunicação social (rádio, TV, internet) que leva informações as mais diferentes comunidades. As variedades linguísticas que são utilizadas nesses meios de comunicação aproximam comunidades distantes e diferentes, deixando em evidência que de fato a língua não é homogênea.

6. Considerações finais

Através dos estudos do *Pavor Espaciar* foi possível identificar as marcas de oralidade presente nos balões de fala dos personagens Chico Bento e parte da *Turma da Roça*. Dessa maneira, enfatizamos que a língua falada e a língua escrita caminham lado a lado, a oralidade possui suas próprias regras, que nem sempre se casam com a gramática prescritiva.

Em *Pavor Espaciar*, o falar caipira é representado com a maior

fidelidade possível, por Duarte, mesmo não sendo linguista. Ele percebe que os falantes urbanos letrados também carregam consigo as marcas na oralidade, o que difere esse daquele é que, um teve acesso aos mais variados estudos das regras gramaticais e o outro não.

Apesar de já ser diagnosticado como não "errado" por diversos professores, o dialeto caipira ainda é motivo de preconceito linguístico por parte de falantes mais letrados, pois ainda é motivo de estigma e chacota.

Observamos, a partir de então, a importância que os falantes de uma determinada língua tem de se tornar aptos a compreender visualmente os elementos que produzem sentido oral na linguagem escrita, para assim ter a capacidade leitora de entendimento de diversos textos, incluindo as histórias em quadrinhos.

Pavor Espaciar reforça ideia de que não há uma língua una, homogênea e também nem língua "certa" ou "errada", e deixa claro são variações linguísticas e heterogeneidade na língua de um povo, deixando à mostra a oralidade presente na escrita para enfatizar e destacar de maneira fiel o dialeto caipira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 55. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Ensino de quinto a oitava séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DUARTE, Gustavo. *Pavor spaciar*. São Paulo: Panini, 2013.

GERALDI, João Wanderlei. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Marly Custódio da; ALMEIDA Miguél Eugenio; GOMES, Nataniel dos Santos. Metaplasmos em *Pavor Espaciar*. In: XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Universidade Estácio de Sá (campus

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nova América), Rio de Janeiro, de 25 a 29 de agosto de 2014. *Cadernos do CNLF*, vol. XVIII, n. 4 – Diacronia e história linguística e filológica, p. 8-28, 2014. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/04/001.pdf>